

CONSIDERAÇÕES SOBRE A CADEIA PRODUTIVA E O CULTIVO DE SETE-SANGRIAS – *Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J. F Macbr. (Lythraceae)

CONSIDERATIONS ON THE PRODUCTIVE CHAIN AND CROP OF SEVEN BLOODS – *Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J. F Macbr. (Lythraceae)

Murilo Francisco Travençoli Rossetim¹, Ari Espindola Junior², Antonio Carlos Dallabrida Filho³,
Cristiane Sudol⁴.

Resumo

A planta sete-sangrias (*Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J. F Macbr. - Lythraceae) apresenta várias propriedades medicinais e amplo relato de usos na medicina popular, com estudos comprovando a alta quantidade de flavonóides em sua composição. Neste trabalho, realizou-se um levantamento bibliográfico nas bases de dados disponíveis e também via comunicação pessoal, com representantes de empresas que fazem uso de espécies medicinais como matéria prima para seus produtos. O principal objetivo proposto foi compilar dados atuais sobre a cadeia produtiva da planta sete-sangrias, visando contribuir para o desenvolvimento de estratégias de manejo e plantio. Por se tratar de uma erva, sua cadeia produtiva, em diversas circunstâncias, está relacionada ao extrativismo, motivo pelo qual são escassos os dados referentes ao que realmente está sendo produzido. Esse contexto evidencia a necessidade de políticas públicas voltadas para a pesquisa, que tragam conhecimentos acerca das necessidades da cadeia produtiva e cultivo das plantas medicinais, como por exemplo, em relação a sete-sangrias, e de melhoramentos que atuarão como facilitadores de uma maior produtividade para o agricultor.

Palavras-chave: Sete sangrias. *Cuphea carthagenensis*. Etnofarmacologia.

Abstract

The “sete-sangrias” plant (*Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J. F Macbr. – Lythraceae) has several medicinal properties and a wide range of uses in folk medicine, with studies proving the high amount of flavonoids in its composition. In this work, a bibliographic survey was carried out in the databases available and also through personal communication with representatives of companies that make use of medicinal species as raw material for their products. The main objective was to compile current data on the productive chain of the sete-sangrias plant, aiming to contribute to the development of management and planting strategies. Because it is an herb, its productive chain, in various circumstances, is related to extractivism, which is why the data regarding what is actually being produced is scarce. This context highlights the need for public policies focused on research that bring knowledge about the needs of the production chain and the cultivation of medicinal plants, such as for sete-sangrias, and improvements that will act as facilitators of greater productivity for the farmer.

Keywords: Seven bleeding. *Cuphea carthagenensis*. Ethnopharmacology.

¹ Mestrando em Ciência do Solo pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Bolsista CAPES, Engenheiro Agrônomo (UTP), Licenciado em Geografia (UNINTER) - murilorossetim@hotmail.com

² Mestre em Botânica (UFPR), Professor Adjunto da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)

³ Engenheiro(a) Agrônomo(a) pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)

⁴ Engenheiro(a) Agrônomo(a) pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP)



Introdução

O emprego das plantas para o bem estar e tratamento dos males do corpo têm sido feito desde eras primitivas, quando se extraía das plantas o sumo, e este era importante para a cura de enfermidades (FRANÇA et al; 2007). Todo este processo serviu para o desenvolvimento de nossas civilizações, uma vez que conseguiu aumentar a expectativa de vida as pessoas. DELLA COLLE (2019) destaca que a utilização de plantas medicinais é milenar, embora desde o início deste século venha crescendo o interesse por estudos com espécies vegetais e a evolução de seu uso ao longo do tempo. Alguns dados estimam cerca de 134.000 plantas que apresentam de alguma forma ligação com o mercado farmacológico (RAVEN; EVERT; EICHHORN; 2007 *apud* VASCONCELOS et al 2010). Neste sentido, a etnobotânica surge como uma forma de resgatar o conhecimento popular de diversas culturas e povos sobre as espécies vegetais típicas de uma região, pois pode ser definida, segundo ROCHA et al (2015), como o estudo da relação existente entre o Homens e as Plantas e o modo como essas plantas são usadas como recursos.

A forma mais comum de se nominar plantas medicinais é por meio do nome popular, o que pode incorrer em acidentes e intoxicações; uma mesma planta pode possuir um ou mais nomes populares diferentes, ou ainda, diversas plantas podem possuir o mesmo nome popular (ALICE et al., 2004). Portanto, a identificação errônea e o desconhecimento podem levar os usuários a utilizar plantas que não possuam as substâncias ativas responsáveis pela ação benéfica, ou então, utilizar plantas tóxicas (RITTER et al., 2002).

No Brasil, as intoxicações com plantas tóxicas constituem um problema de saúde pública, sendo a principal causa desta situação atribuída à identificação dessas espécies vegetais (SILVA et al, 2014). Como é bem comum diversas plantas possuem o mesmo nome popular, a identificação correta é fundamental para o uso correto de seus potenciais (SILVA E BUNDCHEN, 2011). Além disso, outro aspecto perigoso e relevante é o uso popular de plantas medicinais sem que se tenha a dimensão da quantidade, algo importante no que se referem à formulação dos mais variados remédios (SCHOLL e RICARDO; 2012).

Neste contexto é que se encontra inserida a planta Sete-sangrias – *Cuphea carthagenensis* (Jacq.) J. F Macbr., que têm sido utilizada no tratamento das mais diversas doenças que abatem o ser humano, com diversos relatos etnobotânicos para seu uso medicinal (DELLA COLLE, et al 2016). Para SCHULDT et.al. (2004), a planta de Sete-sangrias, apresenta propriedades diuréticas, laxativas, sudoríferas e ainda auxilia no combate a hipertensão e na prevenção da arteriosclerose. DELLA COLLE (2019) relata, ao avaliar a citotoxicidade do extrato bruto de *C. carthagenensis*, a presença dos seguintes metabólitos secundários dentre seus constituintes: taninos, cumarinas, heterosídeos cardiotônicos, fenólicos, flavonoides e saponina. A espécie não apresentou atividade citotóxica in vitro, se mostrando, portanto promissora para novos estudos, por ser amplamente empregado seu uso popular e não apresentar citotoxicidade em análises iniciais.



Cuphea carthagenensis pertence à família *Lythraceae*, a mesma da romãzeira que é nativa da Europa e do oriente médio. Segundo CAVALVANTI e GRAHAM (2002), apresenta 31 gêneros e cerca de 600 espécies, distribuídas pelas regiões tropicais e temperadas. Em sua maioria são ervas e subarbustos, que apresentam ramos opostos e folhas oposto-cruzadas. Já as flores possuem ovários súperos e em sua maior parte bissexuados, diclamídeos e actinomorfos. Os frutos em forma de cápsulas, não são carnosos e as sementes não apresentam endosperma. O Brasil tem em sua flora nove gêneros, sendo mais comum o *Cuphea* (CAVALCANTI e GRAHAM; 2002).

O gênero *Cuphea* apresenta mais de 250 espécies, entre elas ervas arbustos e plantas perenes. Têm como característica, a presença de tricomas e ácidos graxos em sua composição, apresentando relevada importância aos mais diversos setores, como o farmacêutico e alimentício (AMARASINGHE e GRAHAM; 1991).

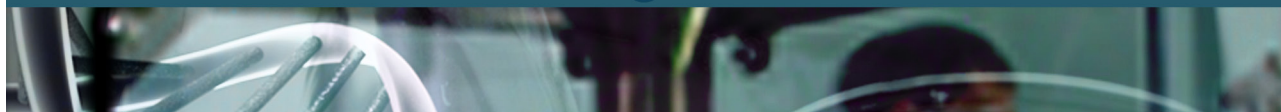
Desenvolvimento

O desenvolvimento deste trabalho se deu através de levantamento bibliográfico, bem como por pesquisas de mercado local, desde as empresas que beneficiam o produto, até os estabelecimentos de venda. Para se garantir a uniformidade da pesquisa, as consultas foram feitas através de telefone as empresas produtoras.

A sete sangrias, é uma planta herbácea anual que pode atingir de 20 a 50 cm, apresenta flores arroxeadas e caule avermelhado que possui tricomas. Suas folhas são simples e opostas. Em maioria, cresce de forma espontânea, preferindo locais úmidos e beiras de mata, embora se adapte a campos abertos e locais com menos umidade (LORENZI e MATOS; 2002 *apud* LUSA e BONA; 2011).



Figura 01 – Fotografia da planta Sete-sangrias. Fonte: Próprio autor, em FLONA Assungui (27/05/2017). Figura 02 – Detalhe da planta de Sete-Sangrias. Fonte: Site REFLORA – Flora do Brasil 2020. Publicado por: Marlon GarletFacco. Autor da Imagem: Marlon GarletFacco. Data de inclusão: 10/07/2016 - 12:09:28.



Utilizada como chá a sete sangrias têm toda a planta aproveitada, desde as folhas, caule e até a sua raiz (Cultivando água boa, 2012). Geralmente utilizada seca também pode ser consumida fresca.

Apresenta um alto índice de flavonóides em sua constituição (PRANDO *et al* ;2015 *apud* BARBOZA; 2016) que atua de forma anti-inflamatória, bem como no controle de diversas doenças. É também utilizada no combate a doenças venéreas, como a sífilis e a gonorréia e ainda contra hemorroidas (ZAGO *et al* ;2009). Existe contra indicação para crianças e lactantes, devido à falta de estudos consistentes.

O seu nome se origina de *kuphos* que representa a base gibosa de suas flores, enquanto que o nome de sua família *Lythraceae* vem de *Lythrum* que quer dizer sangue derramado. O nome de sete sangrias está ligado a um antigo tratamento para pressão alta, assim dizendo que um chá desta planta seria equivalente a sete sangrias (LORENZO *et al*; 2000). O tratamento consistia em cortes nos pulsos que esvaia o sangue e baixava a pressão, mostrando assim a importância da planta. Na medicina popular também recebe o nome de guaxuma-vermelha, pé-de-pinto e erva-de-sangue.

Segundo o jardim botânico do rio de janeiro, a *Cuphea carthagenensis* ocorre na maioria dos estados brasileiros, embora não se apresente restrito a este país. Sua distribuição ocorre por toda a região centro sul-americana.



Figura 2. Mapa de distribuição da sete sangrias no Brasil

Fonte: Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB8744>>. Acesso em: 28 Mai. 2017



As informações acerca do cultivo de sete-sangrias se revelam muito escassas, uma vez que na maioria das vezes as pessoas que utilizam simplesmente a coletam em jardins, devido a seu crescimento espontâneo (DELLA COLLE; ROSSATO; CITADINI-ZANETTE, 2016).

Segundo ARJONA *et al* (2007), que efetuaram uma pesquisa junto aos erveiros que vendem os seus produtos no mercado de madureira-RJ, a sete-sangrias apareceu entre as ervas consideradas por eles como as mais importantes e que os mesmo as obtêm através de produtores que as cultivam ou extraem.

Em pesquisa realizada através de contato telefônico pelos autores em 2017 aos principais distribuidores de plantas medicinais da região metropolitana de Curitiba-PR, foram obtidos dados referentes à origem do material vegetal de sete-sangrias que os mesmos comercializam. Os dados de cultivo ou extrativismo só se mostraram presentes em uma empresa, enquanto as outras não apresentaram um controle específico. Conforme tabela a seguir:

Tabela 1. Relação entre empresas e a origem do material

Empresa	Origem	Cultivo	Extrativismo
Chamel (Campo Largo-PR)	Cêrro Azul-PR	N/A	N/A
Charoma (Piraquara-PR)	Cêrro Azul-PR	N/A	N/A
Flora Ervas (São José dos Pinhais-PR)	Bahia	N/A	N/A
Mandiervas (Mandirituba-PR)	Mandirituba-PR	-	X

No mercado local de Curitiba-PR, durante o mês de maio de 2017 o pacote de 30g da erva de sete-sangrias foi encontrado a R\$3,80 da marca Chamel e de 40g R\$4,50 da marca Charoma, que foram identificadas como sendo a de maior abrangência dentre as quatro empresas pesquisadas.

Os dados de produção e cultivo de plantas medicinais no Paraná se confundem com as informações do Brasil. O estado é responsável por cerca de 90% da produção nacional de medicinais e temperos, movimentando cerca de R\$ 78 milhões e com uma produção de 27,4 mil toneladas no ano de 2014, conforme as informações divulgadas pela Agência Estadual de Notícias - PR (2016).

Nesta produção se destacam a gengibre e a camomila que são as mais produzidas. Tudo isso alinhado a técnicas sustentáveis que não degradem o meio ambiente, devido ao mercado que exige sustentabilidade principalmente em produções de medicinais e temperos (BAGGIO; RADOMSKI; SOARES; 2003).

Não foram encontrados dados referentes à produção específica da erva de sete-sangrias, mostrando a necessidade de estudos que especifiquem como a mesma é produzida e a importância da mesma dentro do mercado de plantas medicinais.



Conclusão

Os poucos dados encontrados sobre a produção e cultivo de sete-sangrias, mostram as falhas em políticas que facilitem a pesquisa destas plantas e que não se concentrem nas culturas de grande interesse agrícola como os grãos.

Assim se confirmam as necessidades de estudos agrônômicos que reconheçam as reais exigências hídricas e nutricionais apresentadas pela maioria das plantas medicinais que permanecem sem estudos significativos.

Agradecimentos

As empresas, Chamel, Charoma, Flora Ervas e Mandiervas pelas informações cedidas.

Ao Instituto Chico Mendes da Biodiversidade através da Floresta Nacional do Assungui aonde pudemos visualizar a planta a campo.

A Agricultora Maria Rosa Domingues Mikos pelos conhecimentos repassados.

Referências

AMARASINGHE, Vindhya; GRAHAM, Shirley A.; GRAHAM, Alan. **Trichome morphology in the genus *Cuphea* (Lythraceae)**. *Botanical Gazette*, v. 152, n. 1, p. 77-90, 1991.

ARJONA, Felipe Bagatoli Silveira; MONTEZUMA, Rita de Cássia Martins; SILVA, Inês Machline. **Aspectos etnobotânicos e biogeografia de espécies medicinais e/ou rituais comercializadas no mercado de Madureira, RJ**. *Caminhos de Geografia*, v. 8, n. 23, 2007.

AEN, PR. **Paraná produz 90% dos temperos e plantas medicinais do País**. Disponível em: <<http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=87366>>. Acesso em: 28 maio 2017.

BAGGIO, A. J.; RADOMSKI, M. I.; SOARES, A. O. **Produção de plantas medicinais em sistemas agroflorestais: resultados preliminares de pesquisas participativas com agricultores familiares**. Embrapa Florestas. Circular Técnica, 2003.

BARBOZA, Lorena Neris. **Efeitos arterioprotetores de *Cupheacarthagenensis* (JACQ) JF Macbr. em coelhos Nova Zelândia submetidos à dieta rica em colesterol**. 2016.

CAVALCANTI, T.B. & GRAHAM, S. 2002. Lythraceae In: Wanderley, M.G.L., Shepherd, G.J., Giulietti, A.M., Melhem, T.S., Bittrich, V., Kameyama, C. (eds.) **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo**. Instituto de Botânica, São Paulo, vol. 2, pp: 163-180.

Cuphea in **Flora do Brasil 2020 em construção**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/reflora/floradobrasil/FB8744>>. Acesso em: 28 Mai. 2017

DELLA COLLE, Mariana Possamai; ROSSATO, AngelaErna; CITADINI-ZANETTE, Vanilde. **Estudo Etnobotânico de *Cupheacarthagenensis* (Jacq.) J.Macbr. “Setesangrias” (Lythraceae) junto à Pastoral da Saúde, Santa Catarina**. *Xxiv Simpósio de Plantas Medicinais do Brasil*, Belo Horizonte, p.04-04, set. 2016. Disponível em: <<http://xxivspmb.ceplamt.org.br/cd/trabalhos/BE-04.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2017.

DELLA COLLE, Mariana Possamai. ***Cupheacarthagenensis* (Jacq.) J. Macbr. (Lythraceae): estudo etnobotânico, análise farmacognóstica e citotóxica**. Dissertação de mestrado em Ciências Ambientais, Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. Criciúma, SC. 2019.



FRANÇA, Inácia Sátiro Xavier de et al. **Medicina popular: benefícios e malefícios das plantas medicinais**. Revista brasileira de enfermagem, v. 61, n. 2, 2008.

LUSA, MakeliGaribotti et al. **Caracterização morfoanatômica e histoquímica de *Cupheacarthagenensis* (Jacq.) JfMacbr.(Lythraceae)**. Acta botanicabrasilica, 2011.

LORENZO, Marco Antônio de et al. **Estudo do efeito do tipo ansiolítico da *Cupheacarthagenensis* (JACQ.) JF MACBR.(sete-sangrias) em camundongos**. 2000.

Projeto Plantas Medicinais – **Cartilha Informativa, Projeto Cultivando Água Boa**, Itaipu Binacional, 2012, 35p.

REFLORA. Flora 2020 – **Algas, fungos e plantas. Pesquisa por busca para *Cupheacarthagenensis***. Imagens de campo publicadas. Acesso: 02/10/2019. Disponível em: <http://reflora.jbrj.gov.br/reflora/PrincipalUC/PrincipalUC.do>

ROCHA, J.A.; BOSCOLO, O. H.; FERNANDES, L.R.R.M.V. **Etnobotânica: um instrumento para valorização e identificação de potenciais de proteção do conhecimento tradicional**. Interações, Campo Grande, v. 16, n. 1, p. 67-74, jan./jun. 2015.

SCHOLL, Angélica Luisi; RICARDO, Kátia Regina. **Conhecimento popular sobre o uso de plantas medicinais**. Caxias do Sul, 2012.

SCHULDT, E. Z. et al. **Comparative study of radical scavenger activities of crude extract and fractions from *Cupheacarthagenensis* leaves**. Phytomedicine, v. 11, n. 6, p. 523-529, 2004.

SILVA, J. A.; BUNDCHEN, M. **Conhecimento etnobotânico sobre as plantas medicinais utilizadas pela comunidade do Bairro Cidade Alta, município de Videira, Santa Catarina, Brasil**. Unoesc & Ciência – ACBS, Joaçaba, v. 2, n. 2, p. 129-140, jul./dez. 2011.

SILVA, L. R. R.; ABREU, M. C.; FERREIRA, P. M. P.; PACHECO, A. C. L.; CALOU, I. B. F.; CERQUEIRA, G. S. **Plantas Tóxicas: Conhecimento de populares para prevenção de acidentes**. Revista Intertox de Toxicologia, Risco Ambiental e Sociedade, v. 7, n. 2, p. 17-36, jun. 2014.

VASCONCELOS, D. A.; LIMA, MMO; ALCOFORADO, G. G. **Plantas medicinais de uso caseiro: conhecimento popular na região do centro do município de Floriano/PI**. In: V Congresso Norte e Nordeste de Pesquisa e Inovação, Maceió. 2010.

ZAGO, Adriana Maria et al. **Morpho-anatomy of the stem of *Cupheaglutinosa* Cham &Schltdl. (Lythraceae)**. Revista Brasileira de Farmacognosia, v. 19, n. 3, p. 720-726, 2009.